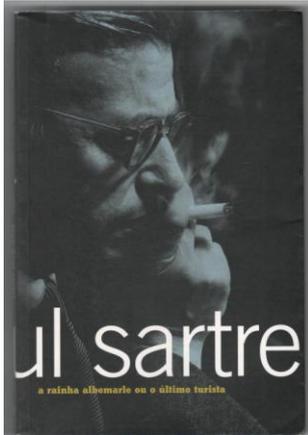


RESENHA



Sartre turista:
O turismo é uma flor do Mal

Susana Gastal

A gôndola é exatamente uma charrete. E tenho tanta vergonha, mas não mais, de entrar numa gôndola quanto de em Roma subir numa charrete. Os turistas se cruzam de gôndola nos estreitos canais e cada um acha o outro levemente ridículo, cada um pensa: Olha! Um estrangeiro. Sartre, p.62

“Dia 17, quando tomarei o trem, terei as mãos nos bolsos e papel branco na mala. O que escreverei?”. (p.7). O que ele escreveu está em **A rainha albarle ou o último turista**. O livro lançado pela Globo, reúne fragmentos de diários e anotações de Jean-Paul Sartre, redigidos durante viagem realizada à Itália no final de 1951. O texto foi “estabelecido e anotado” por Arlette Elkaim-Sartre, conforme registrado na folha de rosto, ou seja, ela organizou anotações que o autor não chegou a transformar em texto. Na apresentação nos é explicado que a viagem passa por Roma, Nápoles e Capri, percurso no qual Sartre “toma notas essencialmente descritivas, em suportes improvisados”. (p.7). No dia 21 de outubro de 1951, um domingo, estará em Veneza e a escrita passará a ter como suporte um caderno de anotações: “Trata-se já de um

esboço; em seu desenvolvimento assume a forma de um diário, com um tom que permanecerá nas versões posteriores – uma mistura de emoção e ironia”. (p.7). No caderno já estava o título, que agora segue no livro.

A organizadora nos explica que a expressão *último turista* refere a que a viagem foi iniciada no outono, portanto, findo o auge da temporada de verão, e o “Turista é Sartre, mas um Sartre distante dele próprio, de seu eu de escritor tal como este se construiu e tal como as pessoas o esperam. Ele deita sobre o mundo um olhar sem prevenção, como se várias vezes não houvesse tentado fazer seu inventário e sua teoria.” (p.10). Quanto à *rainha albarle*, há apenas conjecturas e vou deixá-las para que você as descubra, quando ler o original.

Embora o turismo não seja o foco dos textos sartreanos, é possível percorrê-los como essa ênfase para chegar à concepção de um intelectual francês sobre a atividade, que desabrochava na sua forma mais perversa naquela década de 1950. Para começar, e já adentrando a ênfase no turismo, se pode questionar o porquê da Itália como destino. Tal resposta só nos é dada a página 148, quase no final do livro: “Por que viajo pela Itália? Como a maioria dos franceses, porque o cambio é favorável. (...) O turismo francês segue as linhas de menor pressão do cambio. Esse ano o francês invadiu a Espanha. Gosto da Espanha, aonde já fui com frequência. Não voltarei lá mais enquanto Franco estiver no poder.”

A Itália que Sartre visita em 1951 vive, além do pós guerra de um conflito que ainda se faz presente na figura de marinheiros americanos em visita aos pontos turísticos locais, a explosão do que hoje chamamos de *turismo de massa*, um turismo em cujo crescimento Sartre vê certa contribuição militar: “Entre todos os grandes quartéis-generais do Ocidente, perto da última mundial, oficiais de intendência que não se conheciam inventaram o turismo militar e fizeram com que fosse adotado pelos estados-maiores. A guerra como meio de cultura: mostram-

se ao soldado ruínas, para incentivá-lo pelo exemplo.” (p.35).

Quanto à pessoa do turista, Sartre afirma literalmente: “Ninguém é turista se não é antes de tudo respeitoso.” (p.19). Mas o turista Sartre nem sempre é muito respeitoso. Comentando o artigo de um jornal local, em que o articulista defendia que o problema número um do intelectual italiano seria o de salvar a cultura, ele contrapõe dizendo que tal afirmação o faz rir pois “não se salva a cultura, faz-se a cultura. Mas teria sido necessário traduzir: o problema n.1 para o italiano é salvar sua indústria nacional, o turismo.” (p.34). Tal “indústria” italiana teria como objetivo “vender o passado por dólares, a pessoas que não estão nem aí para o passado.” (p.36). Em Sartre, a relação do turista com o passado é complexa, porque, no seu desinteresse pela questão, os “novos turistas tem fechado no fundo do seu coração o horror de morrer (...)”. (p.37). E acrescenta mais: “O turismo parte da idéia de que a morte é uma perda sem contrapartida e que se pode, pela mediação piedosa, medir-lhe a extensão. A morte, o esquecimento, o irremediável, as penas de amor perdidas, as ocasiões perdidas, eis o alimento quotidiano do turista. O turismo é uma flor do Mal.” (p.39).

Por esse medo da morte, mas ao mesmo o seu consumo nos produtos turísticos, o passado deve vir repaginado, limpo e iluminado, levando à reflexão: “os mortos antigos são muito menos mortos vistos de Los Angeles”. (p.37). Nas ruínas preparadas para o turismo, cercadas “por essa festa sórdida, os turistas mantém distância do passado, sentem-se orgulhosos de ser francês (ou alemão, ou americano) (...)”. (p.42). Um dos seus questionamentos é o excesso de iluminação, a presença da “lâmpada fluorescente, nova mania dos italianos.” (p.73). Duro com Roma, para ele ela teria “aspecto de truque de ilusionista, com seus anúncios luminosos em prédios históricos, tal broches modernos em palácios dos séculos XVI e XVII (...)”. (p 49). Embora no geral ele seja menos duro com Veneza, afirma sobre a cidade outonal com a qual

está convivendo, que ela está morta, mas, “não há uma única cidade no mundo que não se povoará de cadáveres se vocês espalharem sobre ela um punhado de inseticida turístico.” (p.73).

Mesmo na condição de turista, Sartre não esquece sua condição de filósofo e explica: “Em uma palavra, a burguesia acha o ser muito pesado: ela o incha de vazio para que ele flutue. Bem entendido, há várias qualidades de vazio. Se você enche o ser de passado, tem direito ao título de turista e pode mandar bordar nos forros de sua roupa a divisa turística: ‘Ao novo preferirás o antigo, e ao antigo o seu antigo estado de novo’.” (p.44). Mas, para não se ficar apenas nos ataques àqueles viajam por prazer e lazer, Sartre também consegue dizer: “Eis a alegria do turismo: esses pequenos momentos eternos em que o mundo parece ser um antigo quadro. Velha luz de museu, velho sol.” (p. 122).

SARTRE, Jean-Paul. **A rainha albemarle ou o último turista**. São Paulo: Globo, 2009. 188p.